

ENTREVISTA

a Tina Evaristo

Da equipe do **Correio**

Celso Furtado

'É preciso voltar ao controle de câmbio e disciplinar a conversibilidade da moeda. É indispensável taxar de forma discriminada as entradas e saídas de capitais'

O economista Celso Furtado acompanha há vários anos a trajetória econômica e política do Brasil. Foi ministro duas vezes, tendo, inclusive, ocupado a pasta do Planejamento, numa fase crítica do governo João Goulart, em que o país teve de negociar um empréstimo com os Estados Unidos e com o Fundo Monetário International (FMI). Atualmente residindo na França, Furtado falou com exclusividade ao *Correio Braziliense* sobre a situação do Brasil e, particularmente, a do Banco Central. Para ele, em princípio, o cargo de presidente do BC deveria ser ocupado por um servidor público exemplar, sem vínculos com grupos de interesses. Segundo o economista, PhD pela universidade de Paris, um dos maiores desafios dos países emergentes é responder ao avanço da globalização financeira. Na opinião de Furtado, defensor do controle cambial e da taxação do capital especulativo, existem indícios de que o governo pretende dolarizar a economia e privar, segundo ele, o país do pouco de soberania que ainda lhe resta. "O governo parece estar sem rumo", diz.

A seguir trechos da entrevista.

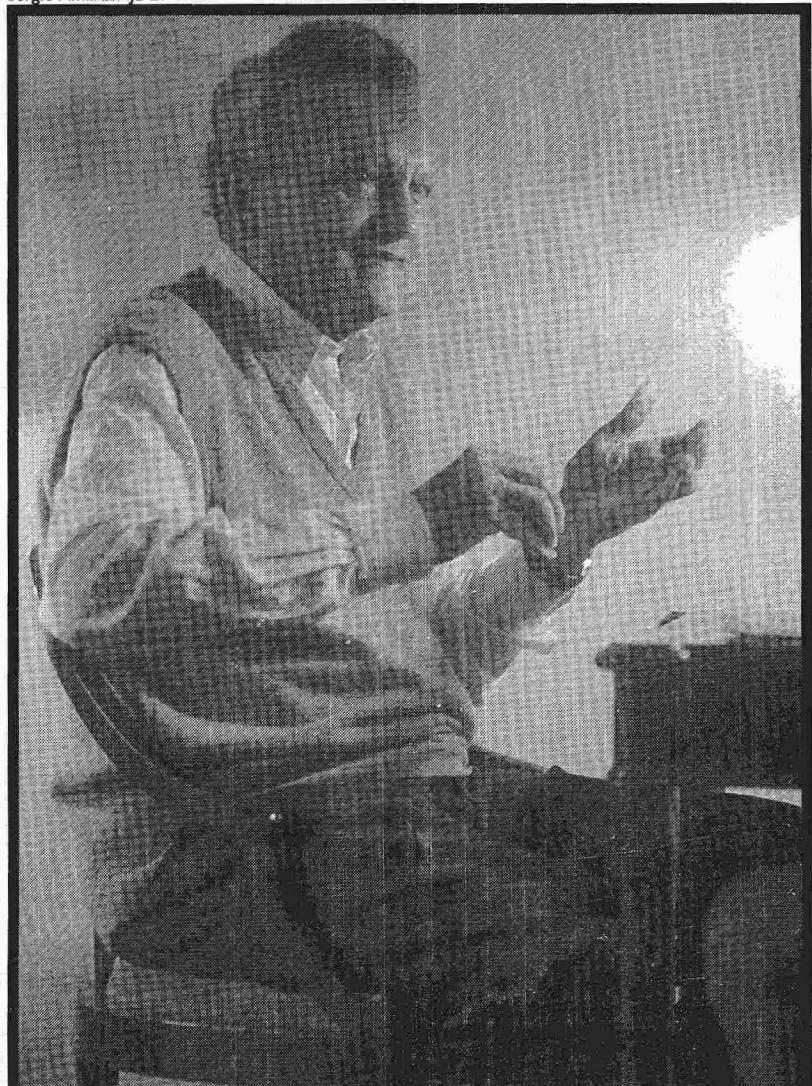
Correio Braziliense — O que o governo brasileiro quer atingir com a nomeação de Arminio Fraga para a presidência do Banco Central?

Celso Furtado — Antes de tudo, cabe indagar qual o alcance da ação do Banco Central entre nós, nas circunstâncias atuais. A mais antiga de suas funções consiste em administrar reservas de câmbio, o que significa esterilizar parte da poupança nacional para se proteger contra bruscas quedas nas entradas de divisas. Ora, essa função praticamente desapareceu com a globalização das atividades financeiras. No último ano vimos a inutilidade de acumular 70 bilhões de dólares. Dadas as atuais taxas de juros, reservas muito elevadas revelam insegurança do governo. A mudança qualitativa que houve no quadro financeiro internacional pode ser aferida pelo crescimento descomunal das operações de câmbio que já alcançaram o valor diário de 1,3 trilhão de dólares. Assim, as operações cambiais no correr de uma semana somam tanto quanto as transferências de capital reprodutivo para todo o Terceiro Mundo em um ano. Portanto, a pergunta pertinente é: como pode um país subdesenvolvido responder hoje ao desafio da globalização financeira?

Correio — Colocar um especulador (como ele próprio — Arminio Fraga — se define) para tomar conta do Banco Central foi uma medida extrema?

Furtado — O governo parece estar sem rumo e já não confia sequer no FMI (Fundo Monetário International). Não conheço esse cavalheiro senão pelas referências que vêm sendo publicadas na imprensa. O corrente é que o cargo de dirigente do Banco Central seja ocupado por um servidor público exemplar. Esse cargo dá acesso a informações re-

Sérgio Amaral/AJB 29-9-95



Furtado: a presidência do BC não pode estar ligada a grupos de interesses

servadas sobre as carteiras de todos os bancos. Seu ocupante só se impõe se não está ligado a grupos de interesses.

Correio — Existe o risco de ele responder mais às expectativas do FMI que às do Brasil?

Furtado — Não conheço a estratégia do FMI a médio e a longo prazos para o Brasil. Há apenas indícios de que se pretende dolarizar a economia brasileira; ou seja, privar o país do

pouco de soberania que lhe resta.

Correio — O Brasil tem salvação? O que o país precisa fazer para sair da crise?

Furtado — O Brasil precisa recuperar a capacidade de auto-governo. Com respeito ao setor monetário-financeiro, já deu um passo adiante, recuperando a flexibilidade cambial, o que terá efeitos positivos sobre a competitividade externa. Contudo, a parte mais vulnerável é a financeira, onde estão entrincheira-

PERFIL

A história do economista Celso Monteiro Furtado, nascido em 1920, na Paraíba, se mistura à trajetória de crescimento do Brasil. Quando ele tinha 24 anos, o país entrou na Segunda Guerra Mundial. Sem hesitar, trocou um cargo no serviço público e a Faculdade de Direito por um posto de aspirante-a-oficial na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Foi lutar na Itália. Pouco depois de voltar, concluiu o doutorado em Economia pela Universidade de Paris, com a tese *Economia Colonial Brasileira*.

Em 1950, presidiu o Grupo Misto de Estudos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), cujos trabalhos serviram de base para a implantação do Programa de Metas do governo JK. Naquela época ele já defendia a teoria de que o crescimento da América Latina seria alcançado por meio da reforma agrária e mudanças radicais nas relações de comércio exterior.

Apixonado pelo Nordeste, quando foi convidado, em 1958, para integrar a diretoria do en-

tão BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), impôs uma condição: concentraria seu trabalho nos assuntos referentes à região. Assim nasceu a Sudene.

Convidado pelo presidente João Goulart, assumiu em 1961, num dos períodos mais conturbados da história do Brasil, o cargo de ministro extraordinário para o Planejamento. Teve de negociar um empréstimo de US\$ 398,5 milhões junto aos EUA e ao Fundo Monetário International (FMI). Em troca, o Brasil se comprometeu a fazer reformas fiscais e implementar um plano antiinflacionário. O país, contudo, não cumpriu o acordo e o cruzeiro perdeu 30% do seu poder de compra frente ao dólar.

Com a ditadura militar, Furtado foi exilado e passou a residir em Paris, onde dedicou-se a atividades de ensino e pesquisa, tendo também trabalhado para as universidades de Harvard e Columbia, nos Estados Unidos. Depois da anistia, retornou ao Brasil e atuou como ministro da Cultura do governo Sarney. Atualmente, reside em Paris.

taria as aplicações a longo prazo, apenas as de caráter especulativo. Somente assim conseguiremos reduzir a vulnerabilidade da balança de pagamentos e lograremos a baixa efetiva das taxas de juros. Este vai ser o teste decisivo. Ou marchamos nessa direção, ou mergulharemos em uma prolongada recessão que desembocará na dolarização. A forma como se coloque em face dessa disjuntiva dirá a que veio o novo presidente do Banco Central.